



DO IMATERIAL AO EDIFICADO

Diversidade de bens culturais afetados pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana – MG.

NOVAIS, ANDRÉA LANNA MENDES(1)

- 1- Procuradoria Geral de Justiça. Ministério Público do Estado de Minas Gerais.
Promotoria Estadual do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais.
Rua Timbiras 2941, Barro Preto. Belo Horizonte – MG. CEP 30140-062
anovais@mpmg.mp.br

NOVAIS, PAULA CAROLINA MIRANDA (2)

- 2- Procuradoria Geral de Justiça. Ministério Público do Estado de Minas Gerais.
Promotoria Estadual do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais.
Rua Timbiras 2941, Barro Preto. Belo Horizonte – MG. CEP 30140-062
paulanovais@mpmg.mp.br

RESUMO

O rompimento da Barragem de rejeitos de mineração de Fundão em Mariana / MG, ocorrido em 05 de novembro de 2015, acarretou danos irreversíveis ao meio ambiente e ao Patrimônio Cultural em diversos municípios, em especial aos subdistritos de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo em Mariana, na cidade de Barra Longa e no seu distrito Gesteira, e no município de Rio Doce. Além das perdas humanas, foram impactados bens culturais nas mais diversas formas: patrimônio edificado, arqueológico, espeleológico, paisagístico, sacro, traçados urbanos, rotas turísticas e religiosas, o patrimônio imaterial, entre outros. Estes bens foram levantados em vistorias e em pesquisas realizadas pela equipe técnica da Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais para embasar as ações do Ministério Público Estadual frente ao maior desastre ambiental da América Latina. O objetivo deste artigo é descrever e ilustrar estes bens e os seus valores, demonstrando como o Patrimônio Cultural daquela região foi fortemente atingido pelo desastre, e fornecer elementos que possam contribuir para a instrução do processo de reconstrução e/ou adequação das áreas afetadas em consonância com as demandas da comunidade e com os princípios que regem a preservação do Patrimônio Cultural.

Palavras-chave: Patrimônio; cultural; barragem; valores.

Considerações Iniciais

O rompimento da Barragem de rejeitos de mineração da Barragem de Fundão da Samarco em Mariana / MG, ocorrido em 05 de novembro de 2015, acarretou danos irreversíveis ao meio ambiente e ao Patrimônio Cultural em diversos municípios.

Além das perdas humanas, foram impactados bens culturais nas mais diversas formas. Estes bens foram levantados em vistorias e em pesquisas realizadas pela equipe técnica da Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais para embasar as ações do Ministério Público Estadual frente ao maior desastre ambiental da América Latina.

A seguir, elencaremos parte dos bens culturais que foram impactados, demonstrando que os danos causados ao patrimônio cultural são imensuráveis e até mesmo irreversíveis.

1 - Bento Rodrigues

O subdistrito de Bento Rodrigues, comunidade rural implantada a 35 km de Mariana e a 124 km da capital Belo Horizonte, se configurou como um importante centro de mineração do século XVIII. As riquezas presentes em seu solo induziram a ocupação e o seu desenvolvimento. Portanto, o valor histórico do local está intimamente ligado ao valor das riquezas minerais que possibilitaram a formação da localidade e seu consequente desenvolvimento.

1.1 – Ocupação e morfologia urbana

Bento Rodrigues desenvolvia-se em planície entre os córregos Santarém e Ouro Fino e o relevo e a hidrografia condicionaram o assentamento urbano, uma vez que o ouro era obtido inicialmente nos cursos d'água e, posteriormente, nas montanhas. Assim, o tecido que se forma é característico do período colonial, com traçado espontâneo, organizado por um eixo principal, ao longo do qual ocorreu a ocupação inicial, tendo nas extremidades as Capelas de São Bento e de Nossa Senhora das Mercês. A partir desta via estruturante, abriam outros caminhos, também com traçado irregular. As edificações religiosas, estrategicamente posicionadas, possuíam largos ou adros frontais. A Praça Cônego Caetano Corrêa junto à Capela de São Bento e o adro da Capela das Mercês, e cemitérios nas laterais, são alguns exemplos.

As demais edificações implantavam-se, como habitual nestes núcleos urbanos, ao longo das vias, em seu alinhamento frontal, predominantemente em um pavimento. Tratava-se de uma região que agrupava vestígios remanescentes da extração do ouro, morfologia urbana e edificações do período colonial, inserida em um contexto de grande beleza cênica. Identifica-se, portanto, valor ambiental, de paisagem. De acordo com os arquitetos Nestor Torelly Martins e Nicolau de Curtis “o valor ambiental também se relaciona aos prédios cujo entorno particularmente os valorizem” (TORELLY, 2006, p. 9). A paisagem natural e a construída são indissociáveis, existe uma relação entre a ‘substância vegetal’ e as construções, havendo a composição de uma paisagem cultural integrada. (CASTRIOTA, 2010, p. 18-20).

1.2 – Patrimônio Edificado

Apesar de não ser sede de distrito, Bento Rodrigues possuía características urbanas assemelhadas às aglomerações de porte médio. Dentro deste tecido urbano, destacavam-se algumas edificações civis que preservavam as suas características coloniais, e as duas edificações religiosas, as Capelas de São Bento e das Mercês.

A Capela de São Bento e Mercês possuem características muito similares, próprias do período colonial, com volumetria térrea e afastamento em todo seu perímetro, sendo a parte posterior e lateral esquerda ocupadas por cemitérios.¹ Apresentam partido tradicional das capelas coloniais, compostas por três volumes de dimensões e alturas diferentes.

Ambas edificações religiosas possuíam, à frente, um volume mais alto e profundo ocupado pela nave, com coro. Neste ambiente, de colocação oblíqua, havia um par de retábulos colaterais, junto ao arco cruzeiro. A capela mor integrava-se ao conjunto através do arco cruzeiro, apresentava presbitério e retábulo em madeira. Na lateral havia sacristia, de partido retangular.

As fachadas principais eram simples e simétricas, com predominância de cheios sobre vazios. As portas de acesso principal possuíam grandes dimensões, com folhas de fechamento dotadas de ricas almofadas. A cruz latina – símbolo do catolicismo – se localizava na cumeeira de ambas edificações, sobre a empena das fachadas principais. Possuíam óculo centralizado nas empenas.

¹ Embora as estruturas verticais da capela de São Bento tenham sido levadas pela lama, o verbo esteja sendo usado no presente em razão da integridade da Igreja das Mercês ter se mantido.

O sistema construtivo era composto de baldrame de pedra e paredes estruturadas com esteios de madeira e vedações em pau a pique, revestidas de reboco e caiação. A cobertura desenvolve-se em duas águas na com cumeeira perpendicular à rua e vedação em telhas cerâmicas curvas.

Internamente, a Capela de São Bento possuía piso de ardósia no acesso e tabuado e em campas nos demais trechos e forro de madeira. Mercês, por sua vez, apresenta piso do presbitério original em pedra, o piso da nave em pedra ardósia até a balaustrada e, a partir deste limite até a capela mór, os pisos são em ladrilho hidráulico estampados. Os forros da nave são em lambri de madeira pintados em branco; na capela mor tem a forma de abóbada de berço, e no coro em esteira de taquara trançada caiada de branco.

A Capela de São Bento foi totalmente atingida pela Lama de rejeitos de mineração e os atuais trabalhos de arqueologia tem evidenciado trechos que resistiram à tragédia: parte dos alicerces e paredes em pedras e o piso de madeira em campas. A Igreja de Nossa Senhora das Mercês não foi, diretamente, afetada, mas o seu entorno o foi. Ficou ilhada por muito tempo, no alto da colina onde se insere, até a reconstrução do acesso.

O valor cultural daquelas Capelas foi reconhecido pelo município de Mariana que realizou o inventário destas no ano de 2004. Encontram-se inseridas na área definida como de proteção especial, para fins de preservação, conservação e valorização do patrimônio cultural, histórico e paisagístico descrita no Decreto Estadual 21.224/81.

1.3– Bens móveis e integrados

As Capelas de São Bento e das Mercês possuíam acervo religioso significativo, composto por bens móveis e integrados, contendo altares mor e colaterais, coro, imagens sacras em madeira e gesso, material litúrgico e mobiliário. Todo acervo móvel pertencente à Capela de São Bento, com exceção das pias batismais, foi levado pela lama e está sendo procurado pela equipe de arqueólogos que faz do trabalho de resgates dos bens culturais móveis. Uma quantidade significativa de elementos foi localizada, receberam as primeiras intervenções de limpeza e tratamento para evitar novos danos e encontram-se acondicionadas na reserva técnica de Mariana, estruturada pela Samarco a pedido do Ministério Público. Outras tantas peças seguem desaparecidas, entre elas o padroeiro São Bento.

Os bens móveis da Capela das Mercês foram resgatados pela equipe SOS Patrimônio, formada logo após o desastre, com integrantes voluntários de diversas instituições, entre elas a Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais, da qual as autoras fazem parte. Foram identificados e acondicionados na reserva técnica do Museu de Arte Sacra de Mariana, localizado na Rua Direita nº 58, cidade de Mariana.

1.4 - Rotas históricas / turísticas

O subdistrito de Bento Rodrigues integra o trajeto da antiga Estrada Real, rota histórica através da qual se fazia o transporte de ouro e diamantes de Minas Gerais até os portos do Rio de Janeiro. Este percurso foi estruturado e tornou-se a maior rota turística dos pais, resgatando as tradições do percurso e valorizando a identidade e as belezas da região.

A sinalização e indicação são feitas por marcos e totens existentes no trajeto, contendo informações históricas sobre o local, coordenadas geográficas (latitude e longitude), e cidades próximas. Em Bento Rodrigues foram instalados marcos e totens junto à ponte sobre o Córrego Santarém, no adro da Capela de São Bento, que se perderam após o rompimento da barragem em novembro de 2015, e próximos à Capela das Mercês, que ainda permanecem no local.

O subdistrito integra também o Circuito Turístico Estrada – Parque Caminhos da Mineração, instituído através da Lei Municipal de Mariana nº 2855 de 15 de maio de 2014, cujo traçado é a estrada vicinal que liga Mariana a Santa Rita Durão, passando por Camargos e Bento Rodrigues. O circuito agrega um conjunto de ações que tem por objetivo proporcionar a valorização da cultura local, a preservação do patrimônio histórico, natural e imaterial das localidades envolvidas. Objetivava-se, também, a formação de arranjos produtivos sustentáveis para exploração econômica do potencial turístico da região e qualificação profissional da população residente. Este projeto turístico/cultural/econômico foi abruptamente afetado e interrompido.

1.5 - Patrimônio arqueológico

Pelo fato de ter sido uma localidade onde se deu a exploração aurífera, há no local vários testemunhos da época da mineração.

Ainda se faziam presentes vários muros em pedra seca, remanescentes do período colonial, dentre os quais destacamos um muro de grande extensão, que se

desenvolvia desde a Capela de São Bento, em continuidade ao muro existente no entorno desta, até as proximidades da ponte sobre o Córrego Santarém. Este muro foi submerso pela lama de rejeitos de mineração, com o rompimento da barragem de Fundão, e após o início dos trabalhos de arqueologia em andamento no local, foi evidenciado parcialmente. Agora parte desta extensão voltou a ficar submersa, em razão da constituição do chamado “Dique S4”.

Estes muros são protegidos pela Lei Federal nº 3924/1961 e pela Lei Estadual nº 11729/94, encontrando-se inseridos na área definida como de proteção especial, para fins de preservação, conservação e valorização do patrimônio cultural, histórico e paisagístico descrita no Decreto Estadual 21.224/81.

Do outro lado do Córrego Santarém há um raro muro em lajes de pedras alinhadas entre si, assentadas de forma perpendicular e com sua base engastada no solo. A partir da história oral e de vídeo postado na rede mundial de computadores², há indicação de que o local seria um curral de tropas tricentenário. No vídeo postado é possível verificar que o espaço é todo circundado por muros no sistema tradicional em pedra seca e em lajes de pedra perpendiculares engastadas no solo, presente em duas das laterais. No interior do “curral” havia um grande cocho, todo em pedras, o que comprova a utilização do local para prender / recolher animais.

Esta hipótese é reforçada pelo relato de viajantes, comerciantes e naturalistas que fizeram o trajeto da Estrada Real, passando por Bento Rodrigues onde os caminhos e descaminhos ainda levavam ao ouro, alguns deles pernoitaram por lá.

Das viagens do médico e botânico, Johann Emanuel Pohl (1782-1834), que permaneceu no Brasil de 1817 a 1821, resultou o livro Viagem no interior do Brasil, em dois volumes publicados em 1832 e 1837, onde consta:

Seguindo para o vale oposto, vimos a oeste, à pequena distância, a grande e bela fazenda pertencente ao Padre Domingos Fraga, situada numa elevação. Este fazendeiro é tido como uma das maiores fortunas do País. Vai-se ao Arraial de **Bento Rodrigues** por uma estrada, aliás, calçada, mas difícil de passar, de uns 300 passos, em declive. Este pequeno arraial de umas sessenta casas está edificado sobre terreno muito acidentado e possui **duas pequenas igrejas** e

²Vídeo disponível na rede mundial de computadores.

duas estalagens bastante medíocres, numa das quais tivemos hospedagem sofrível. Aqui foi uma das mais antigas explorações de ouro de toda a província e escondia grande riqueza em seu seio (grifo nosso). (POHL, 1976)

George Gardner (1812-1849), permaneceu cerca de 5 anos no Brasil e sua jornada também foi descrita minuciosamente no livro Viagem ao interior do Brasil:

Partindo de Catas Altas, a estrada toma uma direção sudeste ao longo do sopé da Serra do Caraça. Depois de viajar duas léguas, passamos pelo Arraial do Inficionado outra longa e estreita aldeia, mais ou menos do tamanho de Catas Altas e, como esta, em evidente estado de decadência. Uma légua adiante chegamos ao **arraial de Bento Rodrigues**, onde nos alojamos por essa noite no rancho público (grifo nosso). (GARDNER, 1976)

Estes muros e o cocho também estão protegidos pelos atos normativos anteriormente mencionados. Para além, encontram-se inseridos no perímetro de tombamento provisório de Bento Rodrigues, assim como os demais bens citados. Foram diretamente atingidos pela lama de rejeitos de mineração, ficando sob a lama e hoje, o que restou deles, está submerso pelo chamado “Dique S4”.

1.6 - Patrimônio Imaterial

Bento Rodrigues possui um rico patrimônio imaterial que foi impactado pelo rompimento da barragem da Samarco. Entretanto, devido ao não desaparecimento, por completo do subdistrito, este vínculo com o imaterial ainda persiste e resiste. Essa compreensão é muito importante, principalmente no momento em que estão sendo realizados trabalhos de evidenciação arqueológica de estruturas remanescentes: Igreja de São Bento, muro de pedras de longa extensão, bem como resgate de bens móveis – pertencentes aos bens interesse coletivo - e oriundos de propriedades particulares. Essa evidenciação/localização, do que ficou soterrado sob a lama de rejeitos, fortalece os vínculos ainda existentes dos moradores com sua localidade. O suporte material reforça esta relação com a imaterialidade das práticas e vivências que ali existiam.

A paisagem natural e urbana de Bento Rodrigues, como um contexto específico em si, é onde incide a percepção de determinado grupo de pessoas, mais especificamente daqueles que nele residiam, acerca de suas relações interpessoais e jeitos de ser/estar no mundo. Esta imaterialidade vinculada à paisagem de Bento, às vivências que lá se estabeleciam está enraizada nas pessoas.

Desenvolvia-se na localidade de Bento Rodrigues práticas vinculadas que robusteciam suas formas de expressão, de viver, seus saberes e fazeres. Pode-se dizer, no que diz respeito às celebrações e festas religiosas, que estavam previstas no calendário religioso de Bento Rodrigues as seguintes festividades: Festas de São Sebastião, de São José, de Nossa Senhora das Dores, de São Bento, de Maria Concebida, do Sagrado Coração de Jesus, de São Benedito, de Nossa Senhora das Mercês e do Menino Jesus. Era no entorno da Igreja de São Bento, mais especificamente, que ocorria a festa do padroeiro – São Bento.

A Igreja de Nossa Senhora das Mercês, assim como a Igreja de São Bento, congregava práticas religiosas locais. Segundo informações orais, até a década de 1960, a Festa de Nossa Senhora das Mercês, no subdistrito de Bento, era realizada numa celebração conjunta com a Festa de São Benedito e Festa de Reisado. Grupos de congado de regiões próximas, como Carneirinhas e Águas Claras, eram convidados para participarem das celebrações.

O Coral São Bento foi fundado na década de 1970 pelo sr. Antônio Zacarias, com oito cantores. Posteriormente, o coral foi dirigido pelas sras. Laudelinia Néri e Marinalda Aparecida da Silva Muniz. O repertório do grupo era composto por músicas religiosas, executadas nas festas e nas missas celebradas no subdistrito e localidades próximas. Os ensaios do coral eram realizados na Igreja de São Bento. Por ocasião das festas religiosas, o grupo começava a se preparar vinte dias antes dos eventos. A partir de 2001, a sra. Cláudia de Fátima Alves assumiu a direção do coral que contava com 10 componentes. Como não possuíam formação acadêmica, as músicas religiosas executadas pelos integrantes do coral eram, muitas vezes, aprendidas através de CD's e de livros comprados na sede de Mariana e na casa paroquial de Catas Altas. O grupo não possuía indumentária específica e contava com recursos constituídos pelos próprios membros para se deslocar para outras localidades, onde costumavam se apresentar.

Tanto a Igreja de São Bento quanto a Capela das Mercês contam com cemitérios adjacentes à construção, sendo que – atualmente - apenas o templo de Mercês e seu cemitério estão plenamente em evidência. É notório que os cemitérios são espaços detentores de valores materiais e imateriais, podendo ser considerados patrimônio cultural. A esse respeito, Gessonia Leite de Andrade Carrasco e Sérgio Castello Branco Nappi em seu artigo Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de

turismo defendem a existência de três valores, básicos, que podem estar associados aos cemitérios: ambiental/urbano, artístico e histórico. Aliado a esses aspectos pode-se argumentar que existem os valores imateriais relacionados à religiosidade³.

Para além das atividades religiosas, cabe falar sobre as demais atividades que ali se desenvolviam. Ao lado da Igreja de São Bento estava implantado um imóvel do século XVIII, cujo uso dado era de bar (“Bar da Sandra”) e pousada. Tomou-se conhecimento, a partir de pesquisa⁴, que Sandra, proprietária do empreendimento, herdou o imóvel de seu pai, o tropeiro Olívio Fonseca Quintão. A edificação possuía, como anexo agregado, uma instalação contemporânea.

O bar era tradicional ponto de encontro de trilheiros, viajantes em geral da Estrada Real, tendo sido indicado em *sites*⁵ de viagem como apoio para aqueles que tinham interesse em percorrer esta rota, ou mesmo viajar para a região. Assim, congregava não só as pessoas que residiam em Bento, como também turistas, viajantes. De forma complementar às igrejas e ao bar, ponto de encontro, pode-se citar, como atrativos turísticos, as belezas naturais como Cachoeira do Ouro Fino de 15 metros de altura. Esses são lugares de vivências.

Soma-se às vivências relatadas a produção artesanal da geléia de pimenta biquinho, tradição do povoado e meio de subsistência e cooperativismo entre membros da comunidade. Patrimônio local de natureza imaterial nítida. Conforme se verifica, havia uma vida social dinâmica naquela comunidade.

Sabe-se que o aspecto anterior do subdistrito de Bento, antes do desastre, é diametralmente diferente do que se verifica atualmente. Segundo levantado por Silva e Andrade Bento, em 2015, tinha uma população estimada em 600 habitantes, que ocupavam cerca de 200 imóveis – números que não podem ser negligenciados. Assim, o que o subdistrito foi e o que ainda representa permeia o imaginário e a memória afetiva dessas pessoas e daquelas que lá frequentavam. Neste aspecto, Silva e Andrade ponderam de forma muito acertada: “Nesse pequeno vale se configurava toda

³Trabalho consultado na rede mundial de computadores.

⁴Informações obtidas na rede mundial de computadores.

⁵Informações obtidas na rede mundial de computadores.

a referência material e imaterial de uma comunidade centenária que ainda trás em sua memória, elementos estruturantes de sua identidade cultural” (SILVA, ANDRADE, 2016)

No caso do subdistrito de Bento Rodrigues, se o espaço em que se conformava (sua delimitação e pontos de referência) deixar de existir – por completo, sem nenhuma evidência do que foi – não se poderá compreender ou vislumbrar os tipos de vivências ali estabelecidas. Os lugares são espaços com um agregado valor simbólico. Trata-se de um território cujas experiências vivenciadas fazem parte de uma memória que é individual, mas também coletiva em razão de o espaço experienciado ser o mesmo. Neste sentido, os lugares e seus marcos referenciais são carregados de sentimentos de pertencimento.

2 - Paracatu de Baixo

Paracatu de Baixo é um subdistrito de Monsenhor Horta, distrito da cidade de Mariana. Está localizado a 34 Km da sede e a 9 Km de Monsenhor Horta. O subdistrito de Paracatu desenvolveu-se ao longo do eixo que liga Monsenhor Horta a Pedras. Sua fundação é posterior à origem das duas localidades, mas supera Pedras em número de edificações. Sua economia era baseada na lavoura do milho e do feijão, produção leiteira e da criação de aves.

O patrimônio cultural de Paracatu de Baixo, por hora, não foi alvo de estudos detalhados por parte da Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais, mas, de forma preliminar, levantou-se alguns dos bens impactados.

2.1 - Patrimônio Edificado

Com o rompimento da Barragem da Samarco toda a parte baixa do subdistrito foi severamente atingida, destruindo, quase totalmente, a maior parte das edificações vistoriadas, que tiveram suas alvenarias destruídas e as coberturas arruinadas. A lama de rejeitos invadiu estes imóveis revirando todos os objetos que se encontravam em seus interiores. Diante deste panorama é possível afirmar que imóveis de valor cultural que, porventura, estivessem inseridos nesta área, sem dúvida foram afetados.

Para além destes imóveis ressalta-se que, inicialmente⁶, um dos bens culturais relevantes do subdistrito é a Igreja de Santo Antônio, inventariada pelo município de Mariana em 2005 em reconhecimento do seu valor cultural, que foi drasticamente atingida pela lama de rejeitos de mineração.

Tomou-se conhecimento, através das pesquisas realizadas, que a igreja afetada precede uma outra capela, também dedicada à Santo Antônio, em estilo colonial. A igreja, vistoriada em maio de 2016, foi construída na década de 1990 em substituição àquela, centenária, que se encontrava em mau estado de conservação. Conservou-se, na “nova igreja”, o retábulo, o sino e as imagens sacras que são procedentes da antiga edificação.

A Igreja de Santo Antônio de Paracatu de Baixo é articuladora do espaço urbano e encontrava-se implantada em largo gramado fechado por muros, portão de ferro e grades. Com volumetria dominante, possui partido profundo, fachada principal simples e simétrica, com uma torre em cada uma das laterais. A cobertura desenvolve-se em duas águas com estrutura metálica, vedação em telhas cerâmicas curvas e beiral simples. O sistema construtivo é de concreto armado com alvenarias de bloco de cimento rebocadas. No interior o piso é azulejado e o forro em PVC.

O imóvel foi diretamente atingido pela lama de rejeitos de mineração que chegou a uma altura aproximada de 4,5 metros, entretanto resistiu apesar dos danos nas esquadrias e alvenarias.

2.2 – Bens móveis

Logo após o rompimento da barragem, alguns bens móveis integrantes do acervo da igreja foram recuperados pela comunidade. Posteriormente, a pedido do Ministério Público de Minas Gerais, a Polícia Ambiental de Mariana esteve no local e, com o auxílio da comunidade, retiraram outros objetos da lama. Em 13/11/2015, os policiais, juntamente com o Padre Reginaldo, fizeram fotografias e listagem do material encontrado, que foi encaminhado à reserva técnica do Museu de Arte Sacra de Mariana, localizado na Rua Direita nº 58, cidade de Mariana, onde se encontram acondicionados.

Em março de 2017, a Samarco informou ao Ministério Público do Estado de Minas Gerais que a lama acumulada no interior da Igreja de Santo Antônio havia sido

⁶ Conforme foi dito anteriormente, pode haver outros bens de interesse cultural.

quase que inteiramente removida. Os bens moveis encontrados sob a lama estão sendo enviados para a reserva técnica de Mariana, estruturada pela Samarco, a pedido do Ministério Público Estadual.

2.3 - Patrimônio imaterial

A folia de Reis de Paracatu de Baixo caracteriza-se como patrimônio cultural imaterial existente no subdistrito. A fim de obter maiores informações acerca deste bem cultural, consultou-se trabalho produzido por alunos do curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto em data anterior ao rompimento da barragem de Fundão, denominado “Memórias de uma identidade: Folia de Reis de Paracatu”.

A intenção do trabalho, segundo relato, era a de realizar uma pesquisa, por meio de fontes orais, sobre uma identidade local. Assim, escolheu-se, como tema, a Folia de Reis de Paracatu de Baixo. A partir de um questionário, trabalhado junto aos alunos da escola Municipal de Paracatu de Baixo, foram entrevistadas pessoas que fazem ou fizeram parte da Folia.

Naquele contexto tomou-se conhecimento que os organizadores da Folia eram: João Antônio, Antônio Alexandre, José Patrocínio (Zezinho), José Marcelino, José Batista e Alfredo, sendo que Zezinho é citado como mestre/líder da Folia. Anterior a ele cita-se o nome de Antônio João como mestre.

Pertinente à existência da manifestação no distrito, tomou-se conhecimento de que esta pode ter até 70 (setenta) anos de prática. Apurou-se que a Folia vinha sendo passada de pai para filho, como um aspecto da tradição local. Foi dito que a Folia saía de Paracatu de Baixo no dia 24 de dezembro, para as comunidades vizinhas, parando entre o dia 30 de dezembro e 1º de janeiro. O retorno para o subdistrito, ocorria no dia 6 de janeiro, para as comemorações do dia de Santos Reis. Seu percurso passava por Monsenhor Horta, Águas Claras, Paracatu de Cima, Cuiabá, Furquim, Ribeirão do Carmo, Pedras Borba, Chaves, Cachoeira do Brumado, Bandeirantes, Campinas, Ponte do Gama e Crasto. Às vezes, conforme relatado, ia até Mariana por ocasião de ter sido solicitada para alguma festa do município. O homenageado da Folia é o Menino Jesus.

Afirmou-se, ainda, que no mês de setembro a Folia participava de festa homenageando o Menino Jesus. Nesta oportunidade há fogueiras, levantamento do mastro, celebrações, no sábado. E, no domingo, há missa e procissão com o Menino

Jesus. A comunidade de Paracatu convidava folias e congados vizinhos, havendo também banquete na casa do Senhor José Patrocínio (Zezinho).

Os instrumentos utilizados na Folia eram o violão, o pandeiro, a sanfona, o reco-reco, bumbo e triangulo. Em entrevista, o senhor José Valdecir da Paixão lembrou de uma das músicas da Folia: “Nesta casa cheira rosa. E dentro dela tem roseira. E que Deus lhe pague a boa esmola. Deus lhe pague a boa esmola. E dentro dela tem roseira...”.

Os instrumentos e indumentária se encontravam em casa atingida pela lama de rejeitos no ano de 2015.

3 – Barra Longa

3.1- Ocupação e morfologia urbana

A cidade de Barra Longa desenvolveu-se ao longo do Rio do Carmo e o seu assentamento e desenvolvimento foram condicionados pelo relevo e a hidrografia. Assim, o tecido que se forma era característico do período colonial, com traçado espontâneo, organizado por um eixo principal (atual avenida Manuel Carneiro e rua Matias Barbosa), ao longo do qual ocorreu a ocupação inicial, e onde se encontra implantada a Igreja Matriz de São José. A partir desta via estruturante, abriam outros caminhos, também com traçado irregular, tendo como destaque as edificações religiosas, estrategicamente posicionadas, com largos ou adros frontais ou laterais.

As demais edificações implantavam-se, como habitual nestes núcleos urbanos, ao longo das vias, em seu alinhamento frontal, térreas ou assobradadas. Os lotes eram, em geral, amplos e profundos, favorecendo a existência de grandes áreas livres na sua porção posterior, sendo apropriadas por quintais que colaboravam para a subsistência da população, a qualidade ambiental e a paisagem urbana. Estes “vazios urbanos” representam uma densidade reduzida de ocupação no interior das quadras, em contraposição à ocupação mais representativa em suas bordas.

Trata-se, portanto, de uma região que agrupa morfologia urbana e edificações do período colonial. Dentro deste tecido urbano, destacavam-se algumas edificações civis que preservam as suas características originais, e as duas edificações religiosas, a Igreja Matriz de São José e a Capela de Nossa Senhora do Rosário.

3.2– Patrimônio Edificado

Em análise ao Inventário do Patrimônio Cultural do município de Barra Longa, encaminhado ao Iepha para fins de pontuação no ICMS Cultural, constatou-se que há bens tombados e inventariados no distrito sede e na zona rural do município de Barra Longa, entre eles muitas fazendas, algumas dos séculos XVIII e XIX, responsáveis pelo abastecimento das Minas e depois pela manutenção da economia mineira após o esgotamento do ouro.

Com o rompimento da Barragem de rejeitos da Samarco toda a parte baixa do município, foi atingida, assim como várias fazendas localizadas na zona rural, nas margens do Rio Gualaxo e do Carmo.

A equipe técnica do Ministério Público conseguiu levantar, através de visita ao local e relatos de moradores da região, alguns bens culturais integrantes do acervo tombado ou inventariado do município que foram atingidos pela lama de rejeitos de mineração.

No distrito Sede, o Hotel Xavier, localizado na praça João Patrício Xavier nº11, foi tombado pelo município e seu Dossiê de Tombamento foi encaminhado ao Iepha nos anos de 2002 e 2004, quando foi aprovado. O sobrado de características coloniais foi atingido pela lama de rejeitos de mineração no seu pavimento térreo, causando danos ao imóvel.

Os imóveis situados na av. Capitão Manoel Carneiro nºs 140/130, 154 e o situado na rua Matias Barbosa nºs 23, tombados pelo município, e outros bens inventariados situadnaquelas vias tiveram seus quintais atingidos pela lama de rejeitos de mineração, que chegou nas proximidades das edificações.

No distrito de Gesteira, toda a parte baixa onde se inseria a Capela de Nossa Senhora da Conceição foi atingida, assim como várias fazendas localizadas nas margens do Rio Gualaxo e do Carmo. Os danos foram generalizados nas edificações e na infraestrutura instalada na rua Tomás de Aquino Cota, comprometendo as edificações, o arruamento, espaços públicos e as redes de abastecimento de água, luz e esgoto.

Acerca da Capela de Nossa Senhora da Conceição, tem-se a dizer que foi inaugurada em 1891 pelo Vigário Martinho Horta Buselin e, no entorno dela, originou-se e desenvolveu-se o povoado. Pondera-se, no entanto, que esta possa ser a data de reforma da primeira construção. Isso se deve ao fato de que foram obtidas informações

históricas, a partir das quais é possível se aventar que, já no início do século XIX, a capela se encontrava em funcionamento. Consta que ela foi substituída pela atual edificação no início do século XX e que foi erigida a 500 metros abaixo das ruínas da antiga capela.

Implantava-se em local plano, arborizado, circundada por gramado. Na lateral direita situava-se a casa paroquial. De partido retangular e volumetria de um pavimento, apresenta recuo frontal encimado pela torre sineira central, que cobre a entrada da Capela. O sistema construtivo é alvenaria de tijolos sobre embasamento de pedras e argamassa, com alvenarias rebocadas e pintadas. A cobertura desenvolve-se em duas águas e as vedações são em telhas francesas. Internamente possuía altar e coro, ambos em madeira. Os revestimentos de piso eram em ladrilhos hidráulicos e cimento bruto e queimado. Em reconhecimento do seu valor cultural, o imóvel foi inventariado pelo município de Barra Longa no ano de 2004 – ficha EAU 87.

O imóvel foi diretamente atingido pela lama de rejeitos de mineração que chegou a uma altura aproximada de 3 metros, entretanto resistiu apesar dos danos nas esquadrias e alvenarias. A casa paroquial foi totalmente submersa pela lama de rejeitos, teve sua cobertura foi arrancada e parte das alvenarias arruinou-se.

Entre as fazendas atingidas, destacamos a fazenda das Corvinas, tombada pelo município de Barra Longa, a Fazenda do Congo e Fazenda Nossa Senhora da Conceição, ambas inventariadas pelo município.

3.3 - Bens móveis

Logo após o rompimento da barragem de rejeitos da Samarco, em 05/11/2015, alguns bens móveis integrantes do acervo da igreja Nossa Senhora da Conceição de Gesteira foram recuperados pela comunidade, ficando sob os cuidados iniciais da Senhora Creuza Silva Gomes, em Gesteira.

Em 14 de novembro de 2015, a pedido do Ministério Público de Minas Gerais, a Polícia Ambiental de Ponte Nova esteve no local e, com o auxílio da comunidade, retiraram outros objetos da lama: peças em gesso que se encontraram com avarias, que foram deixadas para secar. Os policiais, juntamente com o Padre Wellerson, convenceram a comunidade de que as peças deveriam ser acondicionadas na Igreja Matriz de Barra Longa, aos cuidados do Pároco. No dia 15 de novembro as peças em gesso também foram transportadas para a Igreja Matriz de Barra Longa.

Em maio de 2016, quando da vistoria do Setor Técnico da Promotoria de Patrimônio Cultural esteve em Barra Longa, constatou-se que os locais encontravam-se em processo de limpeza e a população privada de usufruir os mesmos. Em junho de 2016 foram iniciadas as escavações arqueológicas no interior da capela. Os objetos e peças resgatados estão sendo removidos e acondicionados na reserva técnica de estruturada pela Samarco em Mariana, a pedido do Ministério Público.

3.4 - Espaços Públicos

A Praça Manoel Lino Mol, principal espaço público da cidade, bastante frequentado por toda a população, ficou completamente submersa pela lama de rejeitos de mineração. O local abriga várias festas, entre elas o carnaval, bem imaterial inventariado pelo município.

A Avenida Francisco Martins Carneiro, também conhecida como Beira Rio, era frequentada pela população para encontro e prática de caminhada por ser um local aprazível, com suas palmeiras imperiais. Ficou totalmente submersa pela lama de rejeitos de mineração.

Após 1 ano e 6 meses, os espaços já se encontram limpos e recuperados.

3.5 – Poeira e veículos pesados

Em contato com a população local, fomos informados que após a chegada dos rejeitos carreados pelos rios no município e início da limpeza, a lama secou e tornou-se uma poeira pesada e nociva, prejudicando não somente os bens culturais e a paisagem, mas, principalmente, a saúde das pessoas que passaram a apresentar problemas respiratórios e dermatológicos.

Centenas de pessoas estranhas (funcionários de empreiteiras) misturaram-se à pequena população urbana barralonguesa nas ruas, com caminhões e máquinas de todos os tipos e tamanhos, perturbando os ouvidos, tirando o sossego e danificando o calçamento em paralelepípedos, especialmente nas ruas Matias Barbosa e Capitão Manuel Carneiro. Em vistoria anteriormente mencionada constatou-se o intenso tráfego de máquinas e veículos pesados naquelas vias situadas na área central do município.

Constatou-se a presença de trincas e fissuras nas edificações, que se intensificaram após o aumento do tráfego dos citados veículos. Houve movimentação

das telhas das coberturas, devido à vibração causada pelos veículos pesados. Há relatos de colisão de veículos em imóvel protegido, causando danos ao mesmo.

A trepidação causada pelos veículos pesados contribui com a desestabilização e deformação das estruturas das edificações, principalmente das estruturas autônomas de madeira, e, conseqüentemente, nas alvenarias, com a formação de fissuras, trincas e, inclusive, rachaduras. Poderá ocorrer deslocamento das telhas das coberturas, causando infiltração de água, colocando em risco os imóveis históricos. Além disso, a fuligem dos veículos de grande porte pode aderir-se aos elementos construtivos, tornando-os escuros, o que contribui para a desvalorização da paisagem urbana, comprometendo a estética do centro histórico tombado.

O tráfego de veículos pesados também coloca em risco a segurança dos pedestres no local, uma vez que o fluxo de pessoas é bastante intenso e as calçadas são muito estreitas. Também gera poluição atmosférica e acústica, além do impacto visual dos veículos estacionados nas vias, modificando a percepção da paisagem urbana. Os gases resultantes da queima do combustível emitem diversos poluentes que afetam o patrimônio edificado, provocando seu deterioro. Assim, tem-se que o tráfego de veículos pesados no núcleo histórico é prejudicial para o pedestre, para o acervo cultural edificado e, conseqüentemente, para o turismo.

3.6 - Rotas Históricas e Turísticas.

O Caminho São José, com 45 km de extensão, liga as cidades de Barra Longa e Rio Doce. É um itinerário religioso, esportivo, cultural e histórico, que segue o leito dos rios do Carmo e Doce, bastante frequentado pelos moradores da região e turistas.

Esta rota teve 2,5 km atingidos diretamente pela lama de rejeitos de mineração e toda a paisagem do trajeto foi severamente comprometida.

3.7 - Patrimônio arqueológico e paisagístico

O Encontro dos rios do Carmo e Gualaxo do Norte, com área aproximada de 2 hectares, foi tombado pelo município de Barra Longa e seu Dossiê de Tombamento foi encaminhado para o Iepha nos anos de 2008 e 2009, quando foi aprovado e passou a receber os recursos provenientes do ICMS Cultural.

A história diz que no local se instalou a Fazenda dos Fidalgos, construída por Matias da Silva Barbosa, que deu origem ao município de Barra Longa.

O encontro dos rios foi totalmente atingido pela lama da barragem de rejeitos, que assoreou os rios, comprometeu a paisagem e alterou completamente a ambiência anteriormente existente.

3.8 – Patrimônio Imaterial

O caboclo d'água é uma figura que permeia o imaginário da população de Barra Longa. É um ser misterioso descrito por aqueles que afirmam tê-lo encontrado. O caboclo d'água ganhou uma estátua junto ao portal da cidade, tamanha a sua importância.

Há relatos de que ele residia em uma ilha existente nos rios que cortam a região e que teria sido levado pela lama de rejeitos de mineração, causando grande comoção na comunidade local.

4 - Diagnóstico de danos observados no patrimônio cultural afetado

Acervos culturais costumam ser heterogêneos e normalmente são compostos pelos seguintes suportes: madeira (esculturas/elementos integrados, estrutura do imóvel), papel (missais, livros do tombo, de registro, partituras, entre outros), metal (elementos litúrgicos de uma forma geral: cálice, castiçal, custódia, naveta, turíbulo, cruzes e crucifixo, entre outros), tecido (vestes de esculturas de roca, paramentos litúrgicos, entre outros), cerâmica e vidro (materiais dos vasos de flores que normalmente ornaram os retábulos), pedra (na estrutura do imóvel), barro (alvenarias). Trata-se de uma variedade significativa.

Cada uma destas tipologias de materiais está sujeita a ação de diversos agentes de deterioração: agentes físicos (luz, temperatura, água, umidade), químicos (poluentes e particulados), biológicos (microrganismos, insetos, pombos, morcegos, roedores, entre outros) e mecânicos (vandalismo, danos por contato: impacto, choque, vibração, pressão, abrasão). Conforme se observa, a integridade dos materiais está relacionada a diversos fatores.

Todos os templos religiosos de culto público atingidos pelo rompimento da barragem e em outros bens significativos tangíveis listados neste documento, estavam

presentes toda a variedade de materiais descrita. O rompimento da Barragem impactou negativamente todo esse acervo com a lama de rejeito de minério e ainda o impacta. Isso se deve ao fato de que grande parte dos bens ficou em contato direto com a lama e uma quantidade significativa de bens ainda está sob os rejeitos, absolutamente sujeitos às variações de estado físico dessa “massa” - amolecimento e enrijecimento – devido às variações climáticas, e também ao fato de que, até mesmo, as peças resgatadas ainda se encontram impregnadas desse material.

Assim, pode-se dizer que o agente causador do primeiro dano foi a água, sendo considerado o agravante de estar misturada a rejeito de minério e terra. Após o dano, toda a sorte de materiais existentes nos bens culturais foi abruptamente exposta, em situação muito fragilizada, a outros agentes de deterioração como, luz, temperatura, umidade e microrganismos, principalmente. A ação dos microrganismos, ressalta-se, está intimamente relacionada à presença de água e de umidade e temperaturas inadequadas.

Conforme se verifica, toda a tipologia de materiais que esteve ou ainda se encontra submersa na lama de rejeitos, em contato com água, temperatura e umidade inadequadas, estão com sua integridade gravemente comprometida. Entre as propriedades afetadas estão danos físico-mecânicos, danos químicos e danos estéticos.

Verificou-se que os bens atingidos pela lama de rejeitos estão sujeitos à colonização de microrganismos e, conseqüentemente, à biodeterioração provocada pelos mesmos. Isso se deve ao fato de que a lama tem servido como um “meio de cultura”, em razão de ser fonte de água e umidade que, associada às oscilações de temperatura (ambiente externo), tem criado condições propícias para o desenvolvimento desses agentes biológicos.

5 - Considerações Finais

O presente artigo abordou, de forma sucinta, o patrimônio cultural afetado pelo rompimento da barragem de Fundão em Mariana, ocorrido em 05 de novembro de 2015. Conforme se verificou, a tragédia teve um grande impacto nestes bens. No caso da Capela de São Bento, houve uma perda significativa, considerando que sua estrutura, em sua quase totalidade, e bens culturais móveis foram levados pela lama de rejeitos. Embora o dano a esta capela tenha sido severo, os demais bens também foram

significativamente e negativamente impactados. Pondera-se que ainda há muito o que ser apurado e pesquisado a fim de obter um diagnóstico completo acerca de todos os danos a bens culturais nas localidades pesquisadas e em outras povoações.

Apenas de posse de um diagnóstico completo é possível ponderar, de forma conjunta (Poder Público, população, órgãos de proteção, ONGS e demais envolvidos) sobre o futuro das áreas atingidas. Para isto, é necessário conhecer, qualificar, quantificar o que se tinha, como eram estes locais antes da tragédia.

Sustenta-se que somente a partir de uma compreensão global do evento é possível, metodológica e tecnicamente, se tomar as decisões frente às ações que vem se mostrados prementes: a de restaurar ou não restaurar os bens atingidos. A de se reconstruir ou não estes bens. A ocupar ou não as localidades atingidas. A definição dos critérios a serem adotados nestes casos. A questão de se musealizar o espaço, mantendo seu aspecto pós-desastre. Ou se tornar um espaço estruturado de ponto de vista conceitual, a partir da manutenção da lama em alguns pontos/áreas e sua retirada em outras. A viabilização de turismo local. A conservação *in situ*, dos remanescentes atingidos ou o seu resgate.

Essas questões, e ainda outras, devem ser pensadas à luz de diversas áreas do conhecimento. Não obstante, resta a certeza de que o rompimento da barragem de Fundão, com todas suas conseqüências, não pode e não será esquecido. Os locais impactados devem figurar como registros, a fim de que, não importe o tempo que passar, seja dada notoriedade dos danos.

6 - Referências Bibliográficas

CASTRIOTA, Leonardo Barci. (coord) **1º Colóquio Ibero-Americano Paisagem cultural, patrimônio e projeto: Desafios e perspectivas**. Belo Horizonte: Instituto de Estudos do Desenvolvimento Sustentável; Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, 2010.

GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

MARTINS, Nestor Torelly. **Critérios e valores identificados dos bens culturais**. Palestra proferida no 3º Encontro Nacional do Ministério Público na Defesa do Patrimônio Cultural. ABRAMPA, Brasília, Novembro de 2006. IN: Curso prático sobre "Critérios de valoração econômica de dados aos bens culturais". STEIGLEDER, Annelise Monteiro.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem no interior do Brasil, novo mundo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

SILVA, Ludimila de M. R.; ANDRADE, Vagner L. **Impactos da mineração sobre o patrimônio imaterial:** a imaterialidade e a imortalidade de Bento Rodrigues - MG. 8º Fórum Mestres e Conselheiros: Agentes multiplicadores do Patrimônio - "Os Desafios do Patrimônio Imaterial"/Coordenação geral Leonardo Barci Castriota - Belo Horizonte: IEDS; MACPS; MPE; IPHAN; IEPHA; Centro Universitário Izabela Hendrix, 2016.

CARRASCO, Gessonia Leite de Andrade; NAPPI, Sérgio Castello Branco Nappi. Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo. Museologia de patrimônio v.2 n.2 - jul/dez de 2009. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus> acesso em junho de 2017.

Disponível em: <http://planejoviajar.com.br/bento-rodrigues-dona-de-bar-famoso-lembra-tragedia/> acesso em junho de 2017

Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Restaurant_Review-g303386-d5674748-Reviews-Bar_Da_Sandra-Mariana_State_of_Minas_Gerais.html
<http://turismo2014.pmmariana.com.br/distritos/santa-rita-durao> acesso em junho de 2017.

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7H9cojtLjcs> acesso em junho de 2017.

Trabalho disponível em <http://slideplayer.com.br/slide/2937594/> acesso em junho de 2017.